

CULTURA: PROJETO DE GOVERNO OU PROJETO DE SOCIEDADE?

Augusto BOAL e seu Mandato

Um projeto cultural de Governo deve traduzir o desejo da sociedade que se pretende governar; este desejo, porém, não se manifesta de forma explícita, nem singular. Portanto, é necessário descobrir e sistematizar todas as manifestações culturais dos vários segmentos sociais, compreendê-los e promover o seu florescimento harmônico. No caso específico do Rio de Janeiro, torna-se imperioso o tratamento privilegiado que se deve dar àqueles setores da população que, pela pobreza e pela miséria, estão em vias de desumanização.

Seriam três os capítulos principais de uma política cultural democrática, cada um com seu campo específico de atuação, seu objeto e seus atores sociais: Cultura como Vocação, Cultura como Profissão e Cultura como Memória do Passado e como Invenção do Futuro.

A política do PT, e a sua própria razão de existir, sempre foi e é a de colocar o ser humano no centro de suas preocupações fundamentais; sua política cultural não poderá ser diferente. Por isso, ao pensar um Plano Cultural pensamos em Cultura como Política e pensamos no desenvolvimento pleno do cidadão atrofiado pelas ~~educação redutora~~ e por um Estado autoritário. Pensamos em vias alternativas para a atividade social e política da cidadania, fatigada pelo discurso estéril e sem sabor. Pensamos em novas formas de comunicação que traduzam uma nova política humanista.

precisa acordar a vida

CULTURA COMO VOCAÇÃO

Cultura como Vocação é a maneira pela qual os seres humanos se relacionam entre si e com a natureza, como a transformam e como se transformam. É o confronto com a realidade hostil como caminho para a sobrevivência, como luta contra a natureza: Artes e Ciências nascem para desafiá-la e modificá-la. Não se trata de destruí-la, de abrir buracos na camada de ozônio ou devastar florestas (selvagens tropeços da civilização...) mas de, à natureza, impor a autoridade humana.

É o "como fazer" o que se faz. Comer é um ato biológico, e "como se come", cultural: com talheres ou com a mão, cru ou cozido. Amar é um ato biológico, mas as lanternas vermelhas das várias esposas do rico chinês medieval ou o noivado monogâmico e virginal são manifestações culturais. A guerra (a cavalo ou a pé, ariete ou bomba atômica), e a paz são atividades humanas que se manifestam culturalmente.

O ser humano é capaz de imaginar o longínquo, porém tem pernas curtas: inventa a roda; imagina a outra margem do rio e constrói a ponte; o caçador deseja ver-se no ato de caçar e, no teto de sua caverna, pinta-se a si mesmo flechando o bisonte, busca reconhecer-se, busca identidades: eis a obra de arte.

Essas maneiras de "se fazer o que se faz" são diversificadas e, por isso, existem as culturas regionais, nacionais, étnicas, religiosas, de bairro, etc.

A Cultura de um povo abrange e se constitui de todas as suas atividades sociais e não se restringe apenas à produção de certos produtos comercializáveis no mercado cultural; assim sendo, todos os cidadãos e todos os grupos sociais (étnicos, regionais, profissionais, etários, etc.) têm o direito e devem ser, por todos os meios, assistidos e apoiados na livre manifestação e no desenvolvimento de sua cultura específica, e no intenso intercâmbio e diálogo com todos os demais.

O teatro, no seu sentido mais arcaico e mais essencial, é o primeiro responsável pela cultura: como só os seres humanos são capazes de se auto-observarem no momento mesmo em que atuam - espectadores de si mesmos, atores - sabem onde estão, como são, conhecem o hoje e o ontem, e inventam o futuro, sem meramente esperar por ele - a cultura passa a existir a partir da descoberta do teatro, isto é, da humanização dos pré-humanos, isto é, do ato dicotômico de ver-se em ação. Este é o sentido mais profundo do teatro: somos capazes de nos vermos vivendo. Os seres humanos mesmo que não façam teatro, todos, sempre, são teatro.

A cultura é direcionada: para onde? Se o ser humano tenta sobreviver e cria cultura, quem sobrevive: o indivíduo ou a espécie? Sózinho, sabe impossível salvar-se. Tenta, pois, eleger afinidades: o casal, a família, o grupo social, a raça, a religião, a cidade, o país, o clube de futebol... O governo deve, imperativamente, promover o diálogo cultural entre esses grupos. Neste diálogo, todos descobrem e aprofundam o conhecimento da própria identidade - sei quem sou porque descubro os outros: sou homem porque existem mulheres, pai porque tenho filhos.

No mundo post-comunismo, vemos que dois são os caminhos principais por onde, aos trancos e barrancos, tropeça a Humanidade: o canibalesco ultraliberalismo reagan-tatcherista, que acumula a riqueza em reduzida elite, fartamente distribuindo miséria às mancheias, e um outro sistema, titubeante e tímido, sem nome certo ou com demasiados batismos - humanista? solidário? piedoso? reformista? social? Seja como for, um governo democrático seguirá sempre pelos caminhos da cultura plural, privilegiando o fraco, o oprimido. Isto não significa negligência pela classe média ou alta: acabando com a miséria (que, no Rio de Janeiro, desumaniza quase 20% da população) e diminuindo a pobreza (no Rio, 40% dos seus habitantes ganham menos de três micro-salários), o Governo estará indiretamente resolvendo problemas como o da violência, criando novos mercados, etc.

por exemplo

A Cultura de um país, por mais específica que seja, resulta, em sua origem, do diálogo entre os diferentes grupos sociais (étnicos, nacionais, etc.) que o formaram. Deve-se portanto favorecer o intercâmbio entre eles, a nível regional, nacional e internacional, privilegiando-se países que estiveram presentes em nossa formação (Europa, Africa, Asia) e aqueles que, histórica e politicamente, demonstram com o Rio de Janeiro intensa afinidade (países Latino-Americanos e do Caribe, etc.)

BRASIL

PLANO DE AÇÃO

Um Plano de Ação para a Prefeitura do Rio de Janeiro terá, como princípio essencial, colaborar na atual transformação do povo brasileiro de Objeto em Sujeito, de Espectador triste, resmungão e resignado em Protagonista da sua História e da sua Cultura.

O fato de ser produtor de sua própria cultura não deve impedir seu acesso à erudição, isto é, ao conhecimento e ao gozo das culturas de outros povos e de outras épocas. Nunca fez mal a nenhum operário ouvir uma Sinfonia de Beethoven ou assistir a uma comédia de Molière

Temos que reconhecer, também, que o melhor consumidor de cultura é aquele que sabe produzi-la; o exemplo do futebol é definitivo: nas arquibancadas sentam-se, em sua grande maioria, jogadores de várzea.